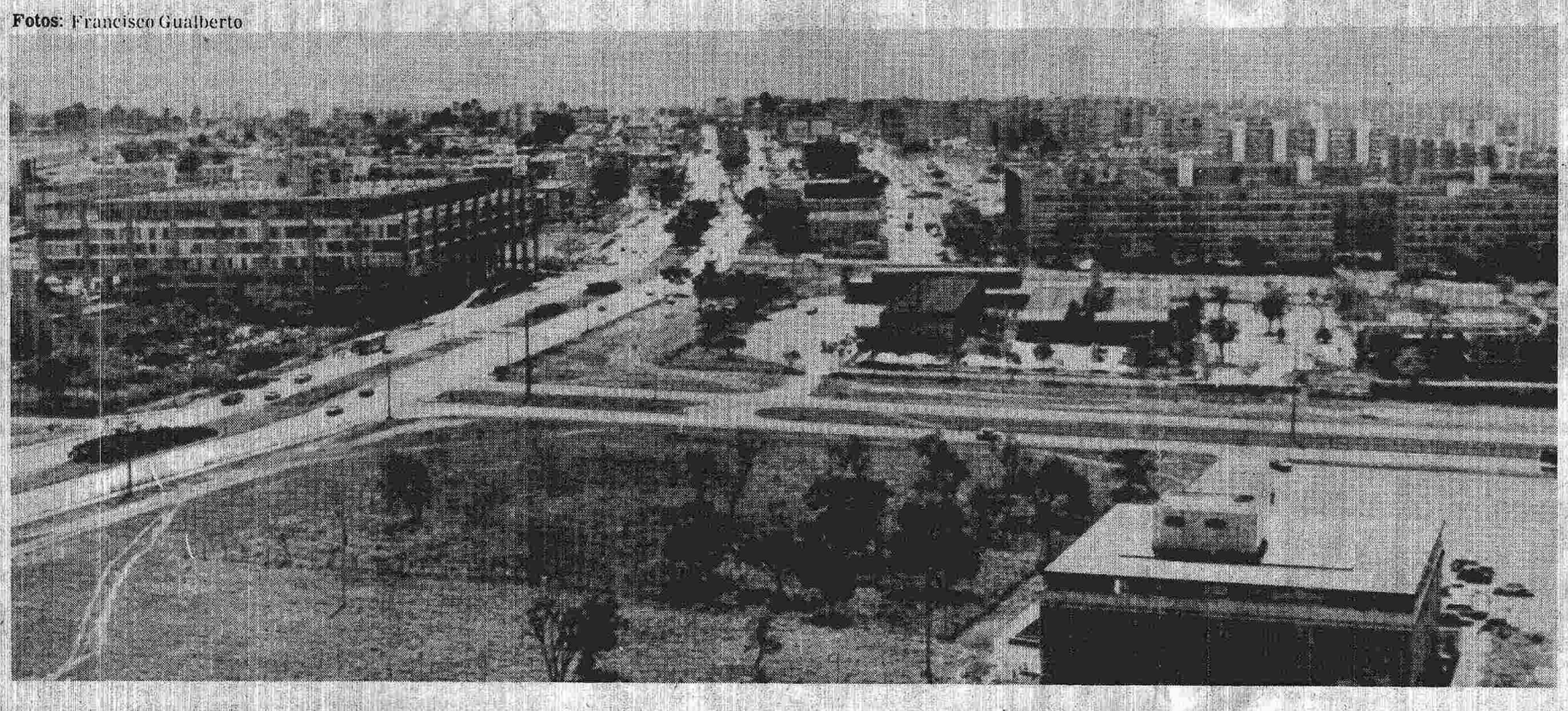
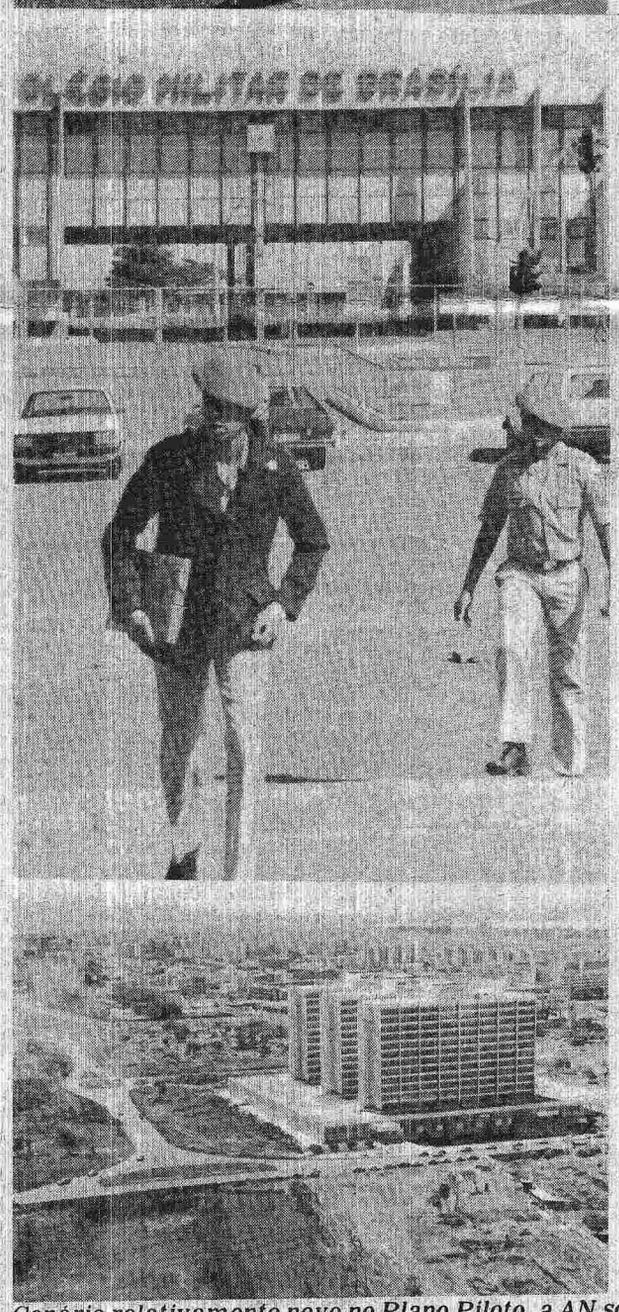
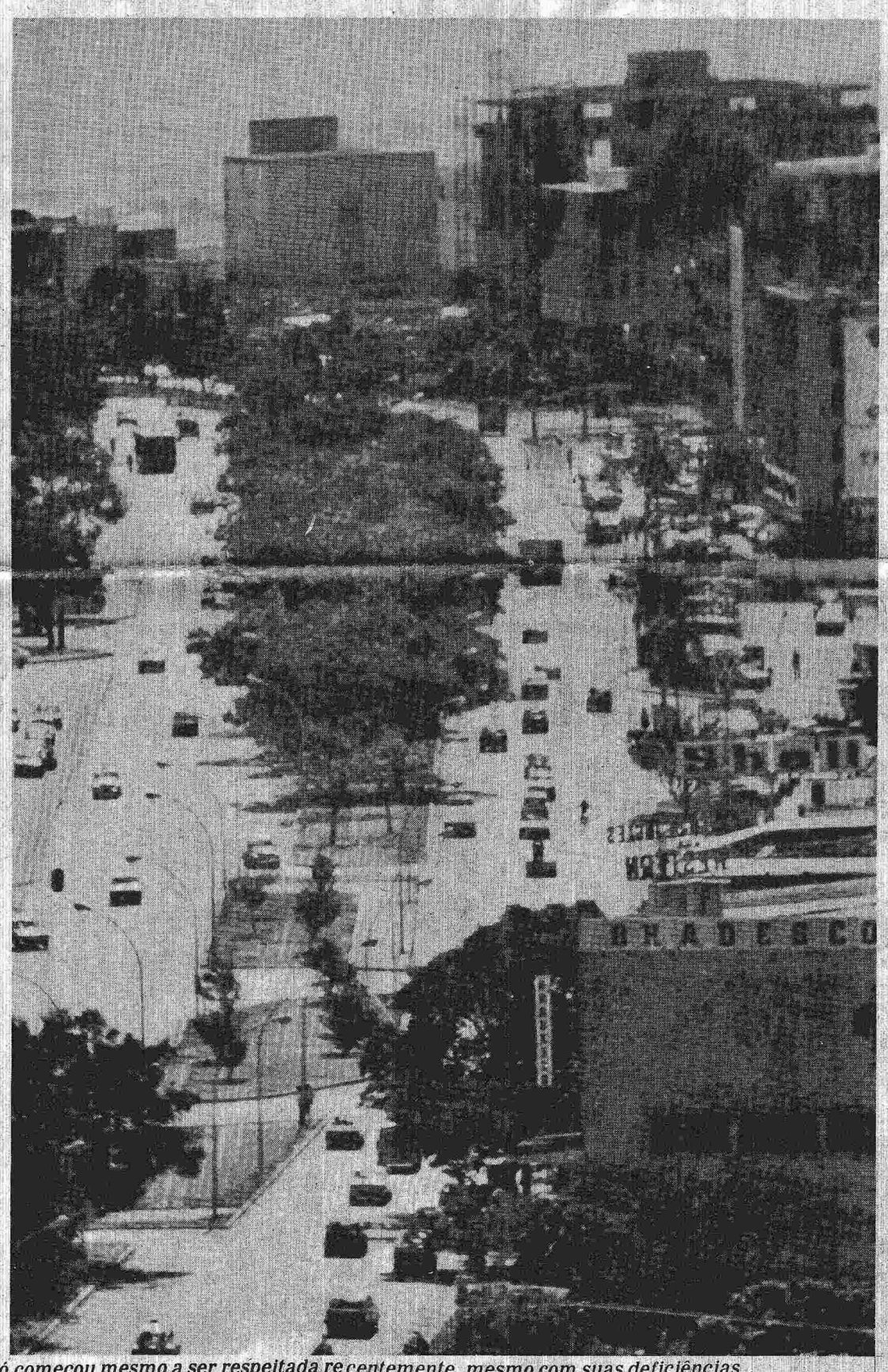
Asa Norte é só contrastes

Fotos: Francisco Gualberto







Cenário relativamente novo no Plano Piloto, a AN só começou mesmo a ser respeitada recentemente, mesmo com suas deficiências

Falta urbanismo, mas sobra muita vida

Em quase toda a extensão da AN, é mais do que evidente que o urbanismo deixa muito a desejar, do tronco à ponta da asa, com inúmeras áreas vazias transformadas em capinzais ou depósitos de lixo, a exemplo do que se vê na entrequadra 202-203 ou no Setor de Autarquias, transformada em verdadeiro matagal - sem contar com as ruelas esburacadas de barro que ficam por trás da W-3 pelo lado Oeste.

Além das toscas construções que nada têm a ver com o projeto original do urbanista Lúcio Costa, como as invasões que se transformaram em favelinhas ou os barracos das oficinas mecânicas da 702, há também os projetos ainda inacabados das edificações de grande porte que fugiram inteiramente à sua finalidade, como o Venâncio 3000 e o Brasília Rádio Center, o primeiro com os seus três blocos totalmente alugados para a Eletronorte e o segundo transformado em supermercado no subsolo (que já está intimado pela Justiça a sair por esses dias) e com seus três andares alugados na base de mercado árabe, sem a presença das estações de rádio e de tevê.

"Isso aqui à noite o senhor nem imagina como é que fica de marginal, apesar que vem também muita gente boa. O problema é que a gente não tem segurança nenhuma, apesar de pagar quase 20 mil cruzeiros só de condomínio. A minha lanchonete e aquela Papelaria ali já foram arrombadas duas vezes..."

A queixa é do proprietário da "Lanchonete Barcelos", Joaquim Sabino Gomes, que há três anos se instalou no Rádio Center. Também outros proprietários de lojas no local fizeram duras queixas contra o ex-deputado goiano Onísio Ludovico, que construiu o prédio e é o dono da maioria dos boxes do BRC, com muitos destes ainda vazios e transformados em depósitos de lixo.

Mas o que está acontecendo com o Venâncio 3000 e o Brasília Rádio Center não constitui uma exceção à regra de assuntos pendentes que só serão resolvidos na Justiça, com a Secretaria de Viação e Obras acionando os infratores. Há ainda o controvertido projeto da construção de um hotel de luxo no Setor Hoteleiro, em local estratégico, agora historicamente marcado pelo profundo buraco que no outro dia engoliu um homem em pleno espaço público, onde ele ficou três dias sem comer ou beber água, escapando por puro milagre.

Porém pelo dito na palavra responsável do Secretário de Viação e Obras, José Carlos Melo, e ouvido pelo repórter, o problema está mais ou menos equacionado.

"A Asa Norte é área considerada prioritária da parte do GDF no que diz respeito principalmente às suas obras de infra-estrutura urbana. Tanto é que em 1983 foi votada uma verba para a realização dessas obras de aproximadamente 700 milhões de cruzeiros. Há muita coisa que já está sendo feita e ainda muita coisa a fazer: a urbanização atrás do comércio da W-3, as galerias pluviais das 704-705, a implantação de vias e pavimentação, a urbanização interna de inúmeras superquadras, a urbanização do Setor Hospitalar e do Setor Comercial, o replantio e a densificação de árvores, que deverão somar 8.500 arbustos só em 83. Tomando a expeárvores, que deverão somar 8.500 arbustos só em 83. Tomando a expe- árvores, que deverão somar 8.500 arbustos só em 83. Tomando a expeárvores, que deverão somar 8.500 arbustos só em 83. Tomando a experiência da Asa Sul como modelo, está sendo possível corrigir todos os defeitos".

José Carlos Melo prognostica que a urbanização da Asa Norte será complementada totalmente "até o final do governo Ornellas". Apenas se esqueceu de acrescentar "se Deus quiser".

COMÉRCIO VIVO

Não obstante as suas deficiências urbanísticas, a Asa Norte tem um comércio bastante vivo, onde se pode comprar de quase tudo, com exceção de artigos de moda feminina exibidos em vitrinas de boutiques sofisticadas — claro, sem incluir o Conjunto Nacional, que faz parte do contexto mas não é caracterizado a rigor como uma dependência da AN. Sobre a matéria, opina a professora de inglês Lina Marques, também formada em Psicologia, baiana que mora na 203 e chama a atenção por seu bom gosto de vestir:

"Moro na Asa Norte, vivo na Asa Norte, adoro a Asa Norte, porém em assunto de boutiques só mesmo na Asa Sul, sem querer desfazer de uma ou duas boutiques que estão funcionando ali na 102. É uma questão de tradição, sabe?"

Comércio variado e movimentado, o forte da AN no assunto é a assistência mecânica de automóveis e a vendagem das respectivas peças, a começar pela Disbrave e a Planalto, uma no começa e a outra quase no fim da W-3, complementadas por centenas de pequenas oficinas mecânicas, nas quais montam, desmontam e reformam qualquer tipo de carro, por preços variados. Nas quadras comerciais 705-706, há lojas de peças que dão para o lado da W-3, com as oficinas funcionando na parte dos fundos. Também ali pelos fundos da comercial 708, encontram-se bons mecânicos que entendem de tudo no que se refere a automóvel, havendo apenas grande dificuldade de acesso ao local devido a péssima condição de suas vias, com uma buraqueira infernal. Em compensação, o trecho da 706 foi recentemente pavimentado, dando passagem, entretanto, a um só carro, o que nas horas de maior movimento transforma a via num engarrafamento sem jeito.

A outra opção em matéria de conserto de carro está nos fundos da 702, com um conjunto de barracos que lembra uma favela ali bem defronte ao moderno prédio do Colégio Militar. Para quem sabe pechinchar, essas oficinas mecânicas sob os barracos cobram um pouco mais barato, dependendo ainda da cara do freguês e o movimento.

"Há muito tempo que estão querendo nos tirar daqui, o que é um crime pois quando chegamos aqui a Asa Norte era quase um deserto, isso há uns 15 anos atrás. Porém enquanto eles não tirarem a gente, nós vamos ganhando o nosso pão com o nosso trabalho", diz um dos donos de uma das oficinas mecânicas desse conjunto.

Construída com o maior cuidado para não repetir alguns erros arquitetônicos cometidos na Asa Sul — conforme reconhece o próprio secretário de Viação e Obras, José Carlos Melo — a Asa Norte mesmo assim deixa muito a desejar no seu conjunto urbanístico, onde numa faixa de sete quilômetros de extensão por três quilômetros de largura habitam cerca de 150 mil pessoas no cenário que apresenta uma variedade de contrastes, envolvendo no começo o Conjunto Nacional e o Setor Hoteleiro, com o prédio do Rádio Center funcionando como referência contraditória logo na entrada da W/3.

A Asa Norte no entanto compensa as suas deficiências pelo clima alegre e movimentado de seu comércio, no qual só falta a tradição das lojas femininas nas entrequadras, com as muitas oficinas mecânicas e as casas de peças de automóveis marcando a sua presença no espaço. E essa dinâmica é também extensiva à sua surpreendente vida noturna, na qual o cliente poderá desfrutar de quase tudo ao alcance de seu bolso, seja no pitoresco boteco ou nos pequenos restaurantes mais sofisticados, que, além de saborosas comidas, servem apenas chopes ou outras bebidas avulsas.

Por tudo isso, a AN está sendo cada vez mais valorizada com um palmo de terra custando verdadeira fortuna, lotes que foram oferecidos "quase de graça" aos moradores da antiga "Cidade Livre" (Núcleo Bandeirante), que se recusavam teimosamente a abandonar seus barracos, conforme lembra um antigo funcionário da Novacap: "Ninguém queria saber de se mudar para a Asa Norte, mesmo a preço barato".

Purgatório ou paraíso?

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

A Asa Norte começa geograficamente na embocadura subterrânea do Eixão (que passa sob a Rodoviária), tendo ao lado esquerdo o Conjunto Nacional e o Setor Hoteleiro; e ao lado direito o prédio da Secretaria de Finanças (Edifício Vale do Rio Doce), inaugurado em 1964 como sede da Novacap, então a única responsável pela construção do Plano Piloto.

Mas só se tem mesmo a sensação de estar penetrando na AN, após a ultrapassagem dos setores de Rádio e Televisão, Médico Hospitalar e de Autarquias - isso sobre o asfalto gasto da W-3 no sentido da ponta da asa ou ingressando pelos eixinhos Leste-Oeste que dão logo de cara com as primeiras superquadras.

Do ponto de vista exclusivamente cartográfico, essa enorme asa abriga no seu miolo um total de 60 superquadras residenciais, com o Eixão cortando essa fatia ao meio, dividindo 30 para o lado Leste e 30 para o Oeste, com o indispensável apoio logístico das entrequadras comerciais, complementadas pelas SCRN (Setor Comercial Residencial Norte), SCLRN (Setor Comercial Local Residencial Norte), HCCN (Habitacional Coletiva Geminada Norte) e SGAN (Setor das Grandes Áreas Norte). No tronco da asa se emparelham as SQNs 302-102 (Oeste) e 202-402 (Leste); na ponta, as SQNs 316-116 (Oeste) e 216-416 (Leste).

"Isso aqui era um verdadeiro deserto, não havia praticamente nada. Eu e o Manoel Matogrosso dormíamos num depósito da indústria de tintas onde a gente trabalhava, que ficava ali por perto onde está hoje a Disbrave. E era uma beleza porque a gente podia dormir à vontade de janela e porta abertas, sem ninguém pra pertubar o sono da gente".

Quem recorda esses bons tempos de paz é o pernambucano João Barbosa da Silva, de 47 anos, que conheceu a AN em 1962 quando trabalhava na Indústria Brasileira de Pinturas. Ele lembra que foi mais ou menos por essa época que chegaram os primeiros moradores transferidos do Núcleo Bandeirante:

"Eles mudaram praticamente à força, porque ninguém queria vir. As primeiras quadras a serem construídas foram a 403/404, que era uma verdadeira cidadezinha, com um pequeno comércio funcionando onde hoje existem as quadras 203 e 204. Não tinha restaurante e a gente comia na pensão da dona Ana, que tinha uma comidinha bem gostosa".

O gaúcho Jairo Cléo Mota, que foi o primeiro gerente do primeiro posto de gasolina da Petrobrás na AN, inaugurado em 1963 entre a 403 e 404, recorda que o movimento de veículos naquela área era quase nenhum.

— "O abastecimento de gasolina era muito pequeno. O nosso movimento se limitava a abastecer os carros do pessoal do Ministério das Minas e Energia e do pessoal que estava construindo a Universidade. E a gente abastecia a barriga nos botequinhos".

Agamenon Alves de Melo, que é atualmente assessor da presidência da Novacap, lembra que a transferência dos moradores dos barracos da "Cidade Livre" foi um processo demorado e difícil, isso devido à resistência dos pioneiros que se recusavam a ir morar na AN:

— "Os lotes era oferecidos quase de graça, a preços simbólicos e com grande facilidade de pagamento, mas eles não queriam de jeito nenhum. Nessa época a Novacap detinha o direito sobre todos os imóveis, não havendo a necessidade de licitação, como atualmente. O cidadão abandonava o seu barraco na Cidade Livre e recebia logo em seguida a liberação de um lote na Asa Norte, sem maiores burocracias ou problemas. Havia muita desconfiança, mas os donos donos das oficians mecânicas foram os primeiros a acreditar no futuro da Asa Norte. Os que duvidaram se arrependeram pouco tempo depois..."

Agamenon afirma que em 1971 um lote residencial era vendido na AN por cerca de 5 mil cruzeiros, com todas as facilidades de pagamento. Hoje, um metro quadrado na área comercial, que é mais barato, está custando 143 mil cruzeiros "e é bom não esquecer que aquele preço era de um lote e este é apenas de um metro quadrado".

O PARAÍSO DOS DEPUTADOS

Rejeitada no início por tantos, não se sabe exatamente porque a Asa Norte sempre contou com a preferência dos deputados, não obstante tenham se localizado primeiramente na 111 Sul, asa tida tradicionalmente como de maior luxo e conforto.

Na lista oficial que contém os endereços dos deputados no Plano Piloto, há 483 nomes, sendo que 399 destes residem na Asa Norte, com apenas 84 morando na Asa Sul. Do grande grupo de parlamentares que habitam a AN, 191 ocupam apartamentos na SQN 302, 91 na SQN 202 e os 117 restantes espalhados em outras quadras localizadas no meio ou na ponta da asa.

"Eles costumam dizer que tem verdadeiro chamego pela Asa Norte porque aqui é que mora mesmo o povão, principalmente os deputados do PMDB", explica um dono de taxi que faz ponto na 302, que prefere não se identificar "porque motorista que atende deputado tem é mesmo de ficar com a boca fechada: eles dizem cada coisa de arrepiar".

Qualquer motorista de praça de Brasília, particularmente os que fazem ponto no Aeroporto, sabe que as SQNs 302 e 202 são conhecidas como "as quadras dos deputados". Da mesma forma, também sabem que há uma certa diferença entre as duas, sendo a 302 apontada como a dos parlamentares "mais importantes" e a 202 dos "mais novatos, porém que dão boas gorgetas". Há, ainda, a versão de que os apartamentos da 302 (que são melhores) são destinados em geral para o PDS, beneficiados pela parcialidade da mesa da Câmara - o que não é verdade, porque essa escolha é feita por sorteio.

"Aqui mora também muito deputado do PMDB, até mesmo o doutor Miguel Arraes, que mora no bloco F", informa um zelador da 302.

Dos 191 deputados que usufruem apartamentos na 302, 82 são do PMDB, 99 do PDS, 8 do PDT, 2 do PTB e 1 do PT. Na 202, a maioria é do PMDB com 52 moradores. O PDS tem 33, o PDT 4, o PTB 1 e PT 1.

"Não exite discriminação na escolha. O que há é que os deputados mais antigos moram na 302 e quando não são reeleitos geralmente cedem para os da sua legenda, manobra que é válida e aceita por todos".

Quem faz esse comentário é o deputado gaúcho Getúlio Dias, que não conseguiu se reeleger. Ele afirma que sempre morou na 302, cedendo afinal o seu apartamento para um companheiro de partido no começo do ano. Getúlio faz a declaração informalmente diante de mais dois jornalistas no salão de cafezinho da Câmara dos Deputados, numa consulta que lhe faz o repórter. Contraditando a sua opinião de que "não há muita diferença entre a 302 e a 202", um dos jornalistas afirma: "deve haver, sim, alguma coisa porque no outro dia um deputado paulista estava lamentando ter de ficar na 202, por ser a quadra dos pobres".

Entre as desvantagens que a 202 apresenta para alguns parlamentares, destacam-se o desconforto, a localização e a "mistura" da maioria de moradores não-deputados, que em geral estão sempre apontando pretensas mordominas desfrutadas pelos seus ilustres vizinhos políticos, inclusive a propósito do transporte gratuito dos chapas-brancas. Além disso, há um bloco que os deputados sulistas apelidaram de "Piauí", que recebe sol o dia inteiro em todos os seus ângulos "provocando um baita calor que só pode ser contido com vários aparelhos de ar condicionado", conforme o lamento de um deputado gaúcho que está morando a contragosto na 202.

Dos deputados novatos de notoriedade anterior aos seus mandatos, residem na 202 Mário Juruna (PDT) e Moacir Franco (PTB). Por prestígio mesmo ou por pura sorte, Agnaldo Timóteo conseguiu apartamento na 302.